

## UMA ABORDAGEM SOBRE DISCURSO E A DISCURSIVIDADE

### “ARAGUAÍNA, A CAPITAL DO BOI GORDO”

#### AN APPROACH TO SPEECH AND DISCURSIVITY

#### "ARAGUAINA, THE CAPITAL OF THE FAT OX"

Andréia Nascimento Carmo<sup>1</sup>  
Valdivina Telia Rosa de Melian<sup>2</sup>

**Resumo:** Com base nos estudos de Michel Pechêux, Eni Orlandi, entre outros, este trabalho tem por objetivo apresentar, pelo viés da análise de discurso, algumas considerações sobre a discursividade “Araguaína, a Capital do Boi Gordo”, localizada no estado do Tocantins. Para tanto, procura-se inicialmente discutir, de maneira sucinta, os modos de constituição de discursos, bem como as suas formas de produção de sentidos em um dado contexto social e ideológico. Em seguida, também se discute algumas formas de construção de enunciações que possibilitam a reconstituição e perpetuação da discursividade que compõe parte do título deste artigo, entre os sujeitos interpelados por esse dizer, dito antes e em outro lugar.

**Palavras-chave:** Discursividade. Produção de sentido. Capital do Boi Gordo.

**Abstract:** Based on the studies of Michel Pechêux, Eni Orlandi, among others, this paper aims to present, by the bias of discourse analysis, some considerations about the discursivity "Araguaína, the Capital of the Fat Ox", located in the state of Tocantins. In order to do so, it is initially intended to discuss succinctly the ways of making speeches, as well as their ways of producing meanings in a given social and ideological context. Then, we also discuss some forms of construction of enunciations that enable the reconstitution and perpetuation of the discursivity that makes up part of the title of this article, among the subjects interpellated by this saying, said before and elsewhere.

**Key words:** Discursivity. Production of meaning. Capital of the Fat Ox.

#### Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões acerca da discursividade “Araguaína, a Capital do Boi Gordo”, por meio da Análise de Discurso. Primeiramente, discutiremos alguns modos de construção de discurso, para em seguida, pensar seus contextos de produção de sentidos. Finalmente, argumentaremos sobre a

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras- Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Professora da educação básica na SEDUC-TO. E-mail: [dreiancn@gmail.com](mailto:dreiancn@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras- Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista pela Capes. E-mail: [teliarosa@hotmail.com](mailto:teliarosa@hotmail.com)

construção de enunciações que são pilares para a reconstituição e a continuidade da discursividade supracitada.

As formas de se construir um discurso estão relacionadas ao sujeito e a situação em que ele se encontra, levando-se em consideração tanto o contexto imediato como o contexto sócio-histórico e ideológico. Isto é, considerando a formação discursiva do sujeito. Além disso, deve-se pensar o lugar que esse sujeito ocupa, a imagem da sua posição social no discurso constituída pela sociedade. De acordo com Orlandi (2015), as relações de força também fazem parte do modo como as produções de discurso se estabelecem, nas palavras da autora, “o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa” (ORLANDI, 2015, p. 18).

A constituição dos sentidos é assegurada pela historicidade – tempo e espaço – a que está inserido certo discurso, por meio das convenções de seus locutores. Enunciador e destinatário transformam os dizeres em que acreditam em verdades pré-estabelecidas pelo simbólico. Por isso, consideramos que o simbólico refere-se à capacidade humana de significar práticas e de produzir sentidos por meio da linguagem. Isto implica dizer que certos discursos são formados por uma longa história cultural que ultrapassa muitas gerações, fazendo-se cada vez mais forte e obtida como fato incontestável. Para Michel Pêcheux (2015) o discurso é

uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso. (PÊCHEUX, 2015, p. 214)

Isso implica dizer que há efeitos de sentidos entre os locutores, que variam de acordo com o “lugar” em que o sujeito discursivo se coloca. Igualmente, o discurso é esse “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2015, p. 20). Visto que ele é determinado pelas condições de produção dos sujeitos que interagem em diversas situações de enunciação:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. (ORLANDI, 2015, p. 41).

São os modos de funcionamento discursivo que conduzem o sujeito a reproduzir formulações antes realizadas e constituidoras do seu dizer, construindo, assim, a significação do discurso. Isto é, o discurso é caracterizado pelo seu modo de

funcionamento. Ele “não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua formação” (ORLANDI, 1988, p.55).

Os falantes que reproduzem seus enunciados nem sempre têm a consciência de sua origem e do que esses enunciados podem significar. Pois “o sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história” (ORLANDI, 2015, p. 93). Em uma formação discursiva, os sentidos são divididos historicamente. Sírio Possenti (2014) reitera a relevância de se levar em conta a situação e o contexto histórico de formulação e reprodução de um dado discurso, a fim de que se possa compreender como determinado enunciado significa, por que ele foi dito e qual o sentido do que foi dito.

Diante do exposto, torna-se pertinente mencionar a discursividade constituída sobre Araguaína, a “Capital do Boi Gordo”. O município situado no interior do estado do Tocantins é visto como um pólo econômico regional, devido à força da agropecuária e a sua localização às margens da BR 153. As discursividades construídas acerca dos fatos sociais resultam das condições de experiências do sujeito, numa sequência de acontecimentos de um dado momento. Elas tornam-se possíveis por meio de enunciações já ditas e esquecidas anteriormente – o interdiscurso.

### **Corpo de traços discursivos**

Pêcheux (2015) nomeia os corpos de traços como os corpos coletivos, a saber: cidades, regiões, instituições, associações, nações, Estados, etc. Segundo o autor, para se produzir a interpretação de uma sequência linguística, deve-se existir um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência dada, isto é, a memória coletiva considerada como um corpo de traços sob o qual o sujeito deve se posicionar.

Tomemos para análise, como corpo de traços discursivos, a discursividade constituída a respeito da cidade de Araguaína, localizada no estado do Tocantins: “Araguaína, a Capital do Boi Gordo”. Atualmente há muitas pessoas que se referem à Araguaína como a “capital econômica do estado” por ter uma boa localização geográfica e forte comércio e prestação de serviços. Anterior e ainda paralelo a esse título, o município possui o “apelido”: “Capital do Boi Gordo” devido, entre outros fatores, à fortaleza da agropecuária na região. De acordo com Claudivan Santiago (2000, p. 59), além de reunir os maiores fazendeiros da região Norte, o que muito contribui para esse título “é a riqueza em pastagens naturais e cultiváveis”. O site

[www.investearaguaina.com.br](http://www.investearaguaina.com.br)<sup>3</sup> aponta que “Araguaína também é conhecida como a capital nacional do boi gordo, graças ao seu imenso rebanho bovino e aos grandes frigoríficos instalados na cidade”.

Observe-se que o sentido do enunciado analisado não existe por si só na “transparência” do seu significante literal. Uma vez que temos diferentes justificativas para a reprodução dessa discursividade, faz-se necessário mencionar que o sentido de uma palavra, expressão, proposição etc., como diz Pêcheux (2014, p. 146) “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”. Isto significa que elas possuem um sentido de acordo com as formações ideológicas daqueles que as empregam.

Em uma formação ideológica dada ocorre o que Pêcheux (2014, p.147) chama de formação discursiva: “aquilo que determina o que pode e deve ser dito”. Quando Santiago (2000) diz que Araguaína recebe tal título por causa das pastagens naturais e cultiváveis, o autor assume a posição ideológica de um latifundiário ou de um criador de bovinos que acredita em um desenvolvimento econômico a partir da gestão agropastoril. Pois que a formação discursiva representa no discurso a formação ideológica. Uma vez que é pela ideologia que o sujeito se constitui e o mundo se significa:

é a ideologia que torna possível a relação palavra/ coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia (ORLANDI, 2015, p. 93-94).

De acordo com a autora, a ideologia produz significado ao mundo. Considere-se mundo, o espaço no qual o sujeito se insere. Desta forma, temos que os sujeitos “araguainenses”, interpelados por uma ideologia constituída na formação discursiva em que se acredita que o município possui certa força no agronegócio, deram novo significado à cidade de Araguaína. O “apelido” Capital do Boi Gordo, inserido no contexto araguainense, forma parte de um discurso desenvolvimentista que se estende para todo o Tocantins, pois Araguaína é a segunda cidade mais populosa do estado e sua localização privilegiada a torna uma base para o desenvolvimento, também dos demais estados com os quais faz fronteiras, pois para cá chegam várias pessoas em busca de

<sup>3</sup> Site de incentivo ao investimento no comércio local.

suporte na área da educação, saúde e comércio. Nesse sentido, o sujeito é interpelado pela ideologia e vai construindo o seu mundo e os modos como ele significa.

### **A capital do boi gordo em outros contextos de formação discursiva**

A discursividade de que Araguaína é a “Capital do Boi Gordo” perpassa ao longo dos anos e influencia outros modos de pensar do sujeito, tais como a crença de que todos – pelo menos os araguanenses - mantêm essa discursividade como uma verdade, ou que a agropecuária é a melhor, ou quiçá, a única maneira de se movimentar a economia da região. Ou ainda a ideia que a maioria dos seus habitantes sobrevive exclusivamente deste setor econômico. Segundo Pêcheux (2015, p. 220) “dado o texto de um discurso, ele não deve ser analisado em si mesmo, mas que ele deve ser referido a textos análogos a ele do ponto de vista das condições de produção que o dominaram”. Assim, torna-se evidente a necessidade de análise dos contextos de produção dos enunciados proferidos e sustentados em determinadas situações sociais.

Vejamos o poema “*Por Essas Ruas Por Onde Ando*” do poeta Luiz Aparecido:

#### ***Por Essas Ruas Por Onde Ando***

*Por essas ruas por onde ando, corro, vou e volto, às vezes cantando, às vezes resmungando, ou até mesmo rezando, vejo no semblante de cada um a face bonita, o sorriso sincero e o carinho verdadeiro de um povo irmão... Companheiro... Amigo.*

*Ah... Araguaína faceira... Elegante.*

*Araguaína dos bares e das conversas entre os amigos.*

*Araguaína do Seu João, Dona Maria, Seu José, Dona Francisca... E tantos outros anônimos que fazem sua história.*

*Araguaína do rapaz elegante... Charmoso... Atraente.*

*Araguaína que mostra a todo o mundo o charme da menina faceira, cheirosa... Manhosa.*

*Araguaína do clima tropical. Das manhãs gostosas de todas as estações. Das noites românticas iluminadas pela lua. Araguaína do “boi gordo”, economia do nosso estado.*

*Araguaína do córrego neblina que já foi “piscina” de muita gente.*

*Araguaína do Lago Azul que já nos deu até energia, e que hoje, de azul, só os reflexos do céu.*

*Araguaína do Jacuba e do Aratins que deixaram saudades nos corações de muita gente.*

*Araguaína do carro da moda e das carroças que ainda trafegam lado a lado mostrando que o progresso não apagou suas raízes...*

*Araguaína de um povo bravo, honesto e trabalhador que não foge à luta.*

*Araguaína do Santuário Sagrado Coração de Jesus, Seu padroeiro.*

*Araguaína das latitudes, longitudes e de boas atitudes, levando a todos os corações a paz e o amor.*

*Araguaína do mercado. Do chamberí e das paneladas...*

*Tem o divino no mês de maio e as fogueiras no mês de junho...*

*Araguaína das paqueras e dos namoros; do trabalho, do lazer e do esporte... De tudo e de todos.*

*No verso, na prosa e na música, a inspiração do artista anônimo.*

*Símbolo de progresso. Sinônimo de desenvolvimento. Berço de ouro de um povo feliz. Por essas ruas por onde ando grito bem alto: “Parabéns, Araguaína!”.*

Como é possível notar, o poema acima está repleto de locuções adjetivas que caracterizam a cidade de Araguaína. As discursividades apresentadas nos versos trazem empoderamento para o município. O eu-lírico fala de uma cidade ideal, economicamente progressista, “*Símbolo de progresso. Sinônimo de desenvolvimento. Berço de ouro de um povo feliz*”, “*Araguaína do “boi gordo”, economia do nosso estado*”. Também aparece no poema a visão de uma cidade segura, com liberdade de expressão, lugar aconchegante e hospitaleiro, “*Araguaína dos bares e das conversas entre os amigos*”, de um povo ordeiro e trabalhador, “*Araguaína de um povo bravo, honesto e trabalhador que não foge à luta*”, que possui religiosidade, “*Araguaína do Santuário Sagrado Coração de Jesus, Seu padroeiro*”, “*Tem o divino no mês de maio e as fogueiras no mês de junho...*” cidade de um povo simples que valoriza a cultura e sua culinária, “*Araguaína do mercado. Do chambarí e das paneladas...*” Araguaína de quem deseja ficar, “*Araguaína do Seu João, Dona Maria, Seu José, Dona Francisca... E tantos outros anônimos que fazem sua história*”.

Observe-se que o eu-lírico se apresenta “interpelado” pelo mesmo discurso social de que a economia do estado é encabeçada pela cidade de Araguaína, tomando como verdade que isso é possível, sobretudo, pelo agronegócio e a pecuária. O poeta enunciador – embora tenha nascido em São Paulo – assume o lugar discursivo de araguanense e toma a palavra para homenagear o município, tomando também um dizer já existente para compor em uma ilusão necessária o seu próprio dizer em poesia.

Aquele que fala ou escreve utiliza-se do seu papel social, assumindo um lugar enunciativo. Baseados em Benveniste (1989), trata-se aqui do emprego da língua como um mecanismo completo e contínuo que afeta a língua inteira. Segundo o autor:

A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Embora os historiadores e repórteres já vêm utilizando a nomenclatura de “Capital Financeira do Tocantins”, o imaginário coletivo mantém o interdiscurso pautado pela historicidade das práticas sociais que afirmam que Araguaína é a “Capital do Boi Gordo”. O indivíduo é interpelado pela ideologia, já estabelecida por um funcionamento discursivo, que o leva a assujeitar-se e assim tornar-se sujeito de seu discurso, constituído pela formação discursiva enquanto espaço de reformulação que domina seus modos de pensar. Uma formação discursiva que esse sujeito reconhece. Mesmo que na atualidade Araguaína já se configure dentro de outras discursividades tais como: Araguaína a capital universitária, Araguaína cidade polo para a saúde, e Araguaína Capital Financeira do Tocantins, a discursividade que prevalece é a de Capital do Boi Gordo, resumindo todas as discursividades em uma só. Dando ao significado outros significantes. Como bem explicado,

não existem palavras inocentes. O espaço social onde elas são produzidas é condição da instauração das relações simbólicas de poder. A dimensão política da sociedade é também jogo de significações. Isto supõe que a linguagem seja simultaneamente um suporte e um instrumento de relações moleculares de poder. Mas também um espaço de poder nela mesma. (WARAT,1985, p.100).

De acordo com o autor, as palavras dizem mesmo que não supõem dizer, pois a linguagem é construída e permeada de representações que se distanciam da realidade, o que, reportando ao nosso estudo sobre a discursividade “Araguaína a Capital do boi gordo”, podemos inferir que ao ser pronunciada esta frase, o locutor pressupõe afirmar que a Cidade é local de riqueza, conhecimentos e confortos, ou seja, que na cidade de Araguaína, por ser a capital do boi gordo, é possível encontrar todas as características inerentes ao poder econômico advindo da comercialização do boi gordo.

O sujeito surge com uma sobredeterminação daquilo que vem antes. Pois ele é heterogêneo e, uma vez assujeitado, possui a ilusão necessária de constituir a origem do seu dizer, esquecendo a memória coletiva, a linguagem compartilhada. Como diz Pêcheux (2014), o que está em jogo é a identidade de um sujeito, de uma coisa ou acontecimento. Segundo o autor:

Se é verdade que a ideologia ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que ela os recruta a *todos*, é preciso, então, compreender de que modos os ‘voluntários’ são designados nesse recrutamento, isto é, no que nos diz respeito, de que modo todos os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem (do que eles *querem* e do que se *quer* lhes dizer), enquanto ‘sujeitos-falantes’. (PÊCHEUX, 2014, p. 144).

Considere-se a possibilidade de haver certo desejo de que a cidade de Araguaína realmente se tornasse ou mantivesse o que já foi constituído no imaginário coletivo dos sujeitos, os quais compartilham da mesma memória coletiva no decurso dos seus 59 anos. Assim, é possível dizer que o sujeito discursivo, no lugar de cidadão araguanense pertencente a esse lugar, que valoriza “sua naturalidade”, reproduz a discursividade analisada, tanto pelo receio de que o município perca seu “lugar” de importância na economia do estado, ou ainda pela angústia do desejo reprimido de não ser Araguaína a capital do estado do Tocantins.

No entanto, não é possível determinar este diagnóstico exclusivamente pela análise de discurso. De acordo com Orlandi (2015), a análise de discurso considera que a linguagem não é transparente, procurando compreender o sentido. Não buscá-lo pronto e acabado. Não procura o que um texto significa, mas como este ou aquele texto significa. Isto é, a análise de discurso para na materialidade discursiva de determinado texto “para compreender como os sentidos – e os sujeitos – nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação” (ORLANDI, 2015, p. 89).

Desse modo, compreende-se o papel do enunciador, como agente perpetuador de um discurso formado antes e em outro lugar, reiterando, mais uma vez, a relação da constituição da enunciação com a existência do enunciado. Igualmente, a formação discursiva e o seu papel na determinação do que pode e deve ser dito. Assim sendo,

as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. (ORLANDI, 2015, p.41).

Observa-se como a ideologia vai promovendo projeções pelas quais um sujeito, seja ele produtor rural, comerciante, prestador de serviços e etc, reconheça tal enunciado e saiba o que ele realmente constitui. Assim, confiando na “transparência” da linguagem, acredita-se erroneamente que o que está sendo proferido em um discurso significa aquilo que ele diz. De acordo com Pêcheux (2014), a crença em uma linguagem transparente mascara o que ele nomeia de caráter material do sentido, o qual “consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘todo complexo das formações ideológicas’” (PÊCHEUX, 2014, p. 146).

A Exposição Agropecuária de Araguaína (EXPOARA), considerada a maior festa cultural da cidade, também está ligada a esse imaginário construído acerca do

município supracitado, uma vez que incentiva o comércio da região e algumas formas de comportamento ligado ao meio rural ou “country”, como algumas pessoas preferem chamar. Entre as formas de manifestações desses pensares, pode-se destacar a prática de se usar camisa xadrez, bota e chapéu durante esta festa, o gosto pelo incentivo em apreciar músicas sertanejas, sejam elas de “raiz” ou “universitárias”, além do fato de se acreditar que todas as pessoas que são desta hospitaleira cidade, como canta o seu hino, compactuam desses mesmos gostos.

“Desse modo, é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser” (PÊCHEUX, 2014, p. 146). Assim sendo, se acreditamos que o sentido de uma palavra, expressão ou uma proposição muda de acordo com a passagem de uma formação discursiva para outra,

é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes, podem, no interior de uma formação discursiva dada, ‘ter o mesmo sentido’, o que (...) representa, na verdade a condição para que cada elemento (...) seja dotado de sentido. (PÊCHEUX, 2014, p. 148).

É importante destacar que durante a EXPOARA torna-se bem evidente a ideia de que os araguanenses em geral, são pessoas que habitam o meio rural, sejam elas donas de terras ou não. Um fato um tanto equivocado, já que há outros segmentos como a prestação de serviços em geral e o comércio varejista de bens de consumo, que movimentam a economia do lugar. Esse julgamento leva cada vez mais, as pessoas a comprarem roupas, calçados e acessórios que em sua maioria usarão apenas oito dias – duração da festa – a cada ano.

### **Considerações finais**

Se Araguaína já foi, é, ou ainda se manterá “A Capital do Boi Gordo”, isso se constitui na memória coletiva dos sujeitos que são interpelados pelo imaginário construído no funcionamento discursivo estabelecido nas histórias orais, que se instalam em torno da “criação” do município de Araguaína. Há uma memória discursiva que carrega a ideia de que seus habitantes fazem parte de um “círculo rural” mantido pela economia agropecuária da região. Lembremo-nos do papel da historicidade, que concede o já dito, o interdito e o não dito. Lembremo-nos das múltiplas possibilidades de se produzir sentido, que de tanto serem produzidos vão apresentando um efeito de naturalização entre os sujeitos discursivos.

A ideologia estabelece o sentido de dada discursividade em uma dada formação discursiva reconhecida pelo sujeito. A discursividade, por sua vez, torna-se concreta e se constitui como se sempre houvera sido e continuará sendo uma “verdade”. É no bojo da discursividade imanente à rotina dos araguainenses que o interdiscurso/discursividade “Araguaína, a Capital do Boi Gordo” encontra ancoragem, fortalecendo para esses sujeitos a ideia de que Araguaína representa uma economia forte para o Estado no qual se insere. Deste modo, a ideia de uma economia forte explicada pela discursividade analisada proporciona novos investimentos, ainda que em outras áreas do mercado, uma vez que, os habitantes desta hospitaleira cidade, não são todos latifundiários e criadores de bovinos.

Quando se diz que Araguaína é a capital do boi gordo, o que não foi dito nesse dizer? Quais dizeres estão implícitos nesse discurso? Pode-se inferir que a economia da cidade de Araguaína não está voltada para outros setores da economia como, a indústria (roupas, eletrônicos, carros e etc.) e a prestação de serviços? Pode ser que sim, ou não. A análise de discurso não fecha a sua interpretação. Permitamos que o sujeito discursivo construa, ainda que em uma ilusão necessária, os seus próprios dizeres e interpretações. Deixem que tomem para si as discursividades que lhe são permitidas por meio das formações discursivas, que por sua vez, representam as formações ideológicas em um discurso.

### Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. 2. ed. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições GraaL 1985.

ASSIS, Juliana Alves. Enunciação/ Enunciado In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria da Graças de Castro (orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

CAPITAL do boi gordo. Disponível em: <<http://www.investearaguaina.com.br/>> Acesso em: 27 nov. 2017.

CURIOSIDADES sobre Araguaína. Disponível em: <<http://www.portalgildabonfim.com.br/site/15-curiosidades-sobre-araguaina-a-capital-do-boi-gordo/>> Acesso em: 24 nov. 2017.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso*. 4. ed. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

POSSENTI, Sírio. Discurso. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria da Graças de Castro (orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

SANTIAGO, Claudivan. *Araguaína História e Atualidade*. Ed. Unitins, 2000.

SILVA, Luiz Aparecido da. *Poesias e Piadas de Última Hora*. Gráfica Alves, 2009.

WART, Luís Alberto. *A ciência Jurídica e seus dois maridos*. Santa Cruz do Sul, Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.

Artigo recebido em 12/09/18  
Artigo aceito em 20/10/18